

CULTURA: ASPECTOS RELEVANTES NOS ALUNOS DO INSTITUTO BAIANO DE ENSINO SUPERIOR

Luana Emmanuella Vieira Cerqueira¹
Emiliana Vieira da Silva²

RESUMO: *Este artigo discute a cultura de participação e educação democrática. O texto inicialmente apresenta um breve resumo de alguns estudiosos acerca do tema cultura, em seguida conceitua a globalização dentro da cultura. Posteriormente, discorre de forma tênue sobre os alunos do Instituto Baiano de Ensino Superior no contexto cultural brasileiro, e por fim o nosso olhar sobre cultura e as oportunidades às memórias únicas, fazendo uma ligação com o perfil dos alunos da Instituição de Ensino Superior.*

Palavras-chave: Cultura; Globalização; Cultura dos alunos da IBES.

1. INTRODUÇÃO

Um elemento essencial para a construção da sociedade da informação no Brasil é a disseminação e formação de opinião acerca da cultura, na qual possam difundir-se e florescer as aplicações em áreas de alto conteúdo e retorno social, como educação, saúde, meio ambiente, e quebra de paradigmas com o objetivo de que uma nova geração de brasileiros se prepare para o futuro.

Conhecer alguns elementos estruturais desta nova sociedade, tais como a cultura e a globalização, implica uma reflexão sobre a cultura brasileira e suas nuances em uma nova camada social que por hora se forma. A cultura teve suas raízes fincadas nos século XIX, mas até hoje ela vive presente na vida de diversos atores sociais, principalmente daqueles que sempre estiveram a margem do contato acadêmico e cultural disseminados nos muros das universidades públicas e deixaram de fora pessoas que ao longo da história não puderam ocupar as tão disputadas cadeiras do saber Universitário. Com a chegada do fenômeno globalização e as políticas de fomento ao Ensino Superior, podemos perceber que uma nova fatia da sociedade passou a fazer parte da sociedade do conhecimento. É nesta seara que envolvemos os alunos do Instituto Baiano de Ensino Superior - IBES

Cientes que a globalização do mercado da produção intelectual permite a disseminação de idéias, com produtos simbólicos marcados por um caráter redutor das mazelas sociais, e por acreditar que a educação e a cultura formam uma dualidade que permeia os processos civilizatórios dos brasileiros, ver-se-á os possíveis resultados da mesma nestes estudantes.

2. CONCEITO DE CULTURA

A base da formação da sociedade democrática é a cultura. É através das instituições sociais (usos e costumes, tipos sociais e as instituições sociais) atuantes no meio das populações que se forma o conceito de cultura.

¹ Acadêmica do Curso de Comunicação Social com Publicidade e Propaganda, do Instituto Baiano de Ensino Superior-e-mail: jessraline14@hotmail.com - autora

² Bacharelado em Administração/UNEB; Aluna especial no Mestrado em Educação e Contemporaneidade –PEC, da Universidade do Estado da Bahia/UNEB; Pós-Graduada em Psicologia Organizacional – FACCEBA; Pós-Graduada em Gestão Governamental – UNEB; Educadora no Centro Social Moreira Neves; e-mail: evsilva@uneb.br; emiliana_treinamento@hotmail.com co-autora.

De acordo com Vianna (1987), todo esse “complexo cultural” é responsável pela formação de uma base preliminar, ou seja, pelas características próprias de um povo; de um sentimento nacional que conduz e conscientiza os cidadãos (o povo-massa) a mecanismos voltados para o interesse coletivo, de colaboração e de equipe quando o assunto é o corporativismo (advindos da formação das clãs); mas a força decorrente dos padrões conservadores e autoritários advindos do patrimonialismo e do clientelismo que permeiam essas relações tem dificultado ou até mesmo impedido a participação cidadã, levando a atividade política e os comportamentos individuais a uma direção personalista, onde inexistente o espírito de colaboração e de equipe.

É dentro deste universo que procuramos retomar a origem histórica da formação social brasileira e da cultura dos discentes do Instituto Baiano de Ensino Superior - IBIS, para refletir sobre os traços que ressaltam a sociedade civil como um todo, principalmente no contexto da cultura que permeia as relações destes atores sociais.

Para Wallerstein (1999, p.76), “Cultura é aquilo que precisa ser descrito, aquilo que não podemos prever com base em alguma premissa teórica”. Assim, entendemos que a cultura é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores transmitidos coletivamente. É a busca por um espaço no meio acadêmico visando reduzir as mazelas sociais, impostas pela coletividade acadêmica e faz com que os discentes da IBES vislumbrem uma nova cultura. A cultura da igualdade do acadêmico, com vistas a enfrentar o mundo do trabalho.

O conceito antropológico de cultura foi formulado inicialmente por Edward Tylor, em 1871, no livro *Primitive Culture*, destacando que esta se tratava de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, uniformidade e estágios, comprovando a existência de uma igualdade na humanidade. Em 1968, Stocking critica Tylor por ignorar a questão do relativismo cultural e tornar impossível o moderno conceito da cultura, inaugurando uma série de críticas e reconstruções do seu conceito antropológico. Atualmente, aceita-se a noção de cultura defendida por Alfred Kroeber (1949), que ampliou o conceito, definindo a cultura como um meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos e o homem como um ser que age de acordo com padrões culturais em detrimento aos seus instintos.

Assim, o ser humano é um ser que quando adquire cultura passa a depender muito mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinadas (LARAIA, 2002, p. 52).

3. GLOBALIZAÇÃO E CULTURA

As concepções de identidade cultural vêm transformando-se ao longo do processo civilizatório. Segundo Ribeiro (1995, p. 66), o processo civilizatório, acionado pela revolução tecnológica que possibilitou a navegação oceânica, transfigurou as nações ibéricas. No primeiro momento este processo atingiu o mundo árabe detentor de um vasto monopólio comercial. No segundo momento abarcou países como a África, a Ásia e por fim o Brasil. Nesta seara, segundo Ribeiro (1970), o Brasil passou a fazer parte destas formações socioeconômicas, viabilizando na base dos saberes indígenas.

O processo de globalização marcado pela nacionalização e transnacionalização da economia, traz no seu escopo mudanças que estão alicerçadas no conceito antropológico de cultura, em que a comunicação é fundamental. Ou seja, ao fazer comunicação o homem faz educação e, quando promove a comunicação com outros seres humanos, “ele faz cultura”, por conseguinte, ao “transferir conhecimento” objetivo de homem para homem, ao longo do tempo, de geração em geração, o indivíduo transmite cultura e isto é fazer educação (MELO, 1998).

De acordo com Gadelha (1997), globalização é um nome com o qual se procura dar nova roupagem a velhos processos estruturais da expansão do capitalismo em escala mundial.

Segundo FEATHERSTONE,

Globalização, como tema, é um verbete conceptual para o problema da ordem mundial, no sentido mais amplo (...). Tradicionalmente, o campo geral do estudo do mundo como um todo foi abordado através das disciplinas das relações internacionais (ou mais amplamente, dos estudos internacionais). (FEATHERSTONE, 1999, p. 26)

Na concepção de Miranda (2006) “a globalização é um processo desigual que, em certa medida, pode ser considerado como a ocidentalização dos valores culturais de nossos tempos.” Contudo, paradoxalmente, a globalização vem fortalecendo a proliferação de identidades locais e, ainda que pareça utópico, a sociedade da informação que estamos ajudando a construir também pode dar espaço para culturas geograficamente isoladas. Como é o caso dos novos discentes formadores de conhecimento do Instituto Baiano de Ensino Superior, no Nordeste, especificamente em Salvador.

Em outras palavras, uma vez que ela, a globalização, está, ligada à comunicação e se destina a influenciar o comportamento do receptor, provavelmente, os comunicadores, quando produzem suas mensagens, estimulam a aprendizagem em seus receptores, porque o processo de aprendizagem envolve a existência de estímulo, mensagem, recepção, interpretação e ação, mecanismos de comunicação. De tal modo, pode-se ter a aprendizagem como comunicação, uma vez que seus princípios estão diretamente relacionados com a efetividade da comunicação. Falar em comunicação, cultura e educação é compreender a informação como parte integrante destes dois fenômenos, que, por sua vez, estão agregados a valores, crenças e ideologias, fatores decisivos para a aquisição do conhecimento.

O caminho para a elucidação da relação existente entre comunicação, cultura e educação talvez esteja na compreensão de uma sociedade em que os meios de comunicação atingem a emotividade das pessoas, e a contradição propaga valores morais, como “não mentir” e, ao mesmo tempo, vende a idéia de dinheiro e consumo como objetivos a serem buscados a qualquer custo para a constituição de uma vida feliz. Neste contexto, a maioria dos centros de formação superior, instituições cuja gênese repousa na formação humana, voltou-se para uma educação técnica e pragmática guiada pelo mercado.

Esses são indivíduos que buscam reduzir a exclusão. O que no olhar de (Ribeiro, 1995, p. 169) “as forças que defrontam nessas lutas não podiam ser mais cruamente desiguais” e por estar ciente destas desigualdades e da formação humana. É que vislumbramos os alunos do Instituto Baiano de Ensino Superior.

3.1 Cultura do Aluno do Instituto Baiano de Ensino Superior

Um novo paradigma estruturante educacional vem tomando um novo rumo, antes a comunidade baiana só contava com a Universidade Federal da Bahia –UFBA, a Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Universidade Católica do Salvador –UCSAL, para dar seguimento aos estudos acadêmicos. Com o advento da globalização e ciente de mudanças comportamentais, educacionais, comunicacionais, culturais e sustentabilidade do mercado, o governo federal e a sociedade se mobilizaram para que houvesse abertura da disseminação da Educação Superior na Bahia.

O atual contexto põe em evidência preocupações, tensões e inseguranças que atingem os estados nacionais, as instituições e milhões de pessoas incluídas ou excluídas do processo de globalização da economia no mundo contemporâneo. É possível verificar uma alta concentração

da riqueza e o conseqüente agravamento das desigualdades sociais, o que produz um setor de excluídos não mais incluíveis.

Para Miranda (2000), as graves desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais que se desenvolvem e o clima mental criado com o individualismo implantam-se, generalizam-se e legitimam-se com o neoliberalismo. Segundo Ribeiro (1995, p. 210) “No Brasil, as classes ricas e as pobres se separam uma das outras por distâncias sociais quase tão grandes quanto as que medeiam entre povos distintos”.

Na perspectiva de Ribeiro (1995, p.29), a busca da autonomia do povo Tupi na procura de liberdade e autonomia sobrepõe uns aos outros, uniformizando a cultura e, desta forma, desencadeando um processo oposto de diferenciação e expansão dos alunos da IBES.

Compreendemos que esta autonomia, proposta por Ribeiro (1995), é fruto da procura pelo conhecimento, principalmente, no plano étnico-cultural, visto que Salvador, espaço onde está inserido o Instituto Baiano de Ensino Superior, possui uma população marcada por estes traços étnicos.

No tocante aos alunos da IBES, esta etnia é um detalhe bastante visível. Mesmo ainda não se tendo uma pesquisa acerca das origens étnicas destes alunos, mas, perceptivelmente, esta massa é formada por uma população assalariada mestiça em busca do apogeu acadêmico.

Partilhando destas idéias, embasamos o nosso olhar acerca de um olhar cultural do Brasil, que é inerente os discentes da IBES. A procura em querer atravessar a barreira de classe para ingressar no estrato superior, e nele permanecer, se pode notar em uma geração que se educa como forma da quebra do paradigma educacional.

No final do século XIX, a crise de emprego que ocorreu na Europa trouxe para o Brasil sete milhões de imigrantes que vinham trabalhar nas plantações de café, o principal produto de exportação da época. Castells (1998 p. 133). Acabaram ocupando o espaço e os mestiços e escravos libertos, com mão-de-obra assalariada. Os europeus se fixaram principalmente na região sul do país, onde renovaram a vida local e promoveram o primeiro surto de industrialização do país e isto fez nascer uma distância social e cultural entre os povos, sobretudo nas camadas sociais menos de baixa renda e etnia africana.

Sob essa ótica, Ribeiro (1995, p. 211) afirma que “a distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres aos ricos. Ela se soma à discriminação sobre índios, mulata e negra” Podemos perceber este apartheid, até mesmo na escola, pois nela o espaço deve ser igualitário e que permite uma educação libertadora.

Desta forma, podemos compreender que esta origem do Brasil afeta na cultura dos alunos da IBES, somando-se à distância social promovida pela industrialização. Essa industrialização afeta mais de perto aqueles que não possuem o conhecimento acadêmico, cultural e científico. Isto, então, dota os alunos deste estabelecimento de ensino, que buscam adquirir um perfil comunicativo, estudioso, colaborador e comprometido principalmente com as causas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceituar cultura nos faz debruçar sobre diversos estudos que buscam completar um sentido tão difuso. Todavia, não podemos deixar de destacar o papel relevante do estudioso Darcy Ribeiro, que nos leva a refletir sobre tão importante tema.

É nítido que as concepções de identidade cultural vêm se transformando ao longo do tempo. Assim urge a necessidade de destacar a revolução tecnológica que possibilitou a navegação oceânica, transfigurou as nações ibéricas, abarcando no primeiro momento um vasto monopólio comercial e envolvendo países africanos, asiáticos e por fim o Brasil. Neste contexto o Brasil passou a fazer parte destas formações socioeconômicas, viabilizando na base dos saberes indígenas.

O processo de globalização que marcou fortemente a economia trouxe no seu escopo, mudanças que estão alicerçadas no conceito antropológico de cultura, em que a comunicação tem papel fundamental na comunicação entre os seres humanos, sobretudo na promoção da geração de disseminação do conhecimento acadêmico, como é o caso dos alunos do Instituto Baiano de Ensino Superior - IBES, onde os alunos buscam a transmissão cultural e nos faz compreender que esta transmissão da cultura é fazer educação.

Assim, torna-se pertinente propiciar o registro das expressões culturais, artísticas, religiosas e científicas, em grupos sociais que buscam minorar as discrepâncias culturais, sociais e educacionais, principalmente através das línguas indígenas, assim como nas dos povos africanos e de outras nacionalidades que contribuíram para a nossa formação social, visando a preservar e manter vivas as origens da nação brasileira, em seus aspectos multiétnicos e multiculturais e dar oportunidade às minorias étnicas, sociais e políticas para o registro e difusão de suas manifestações e idéias, como forma de diminuir as desigualdades sociais, por entender que a cultura se configura um aspecto relevante no cotidiano dos alunos do Instituto Baiano de Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**. Trad. D. Iraci D. Poleti. Petrópolis, Vozes.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global: Nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos**. *Ci. Inf.* [online]. maio/ago. 2000, vol.29, no.2 [citado 04 Junho 2006], p.78-88. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0100-1965.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIANNA, Oliveira. **Instituições políticas brasileiras**. Belo Horizonte /São Paulo /Niterói, Itatiaia /EDUSP/EDUFF, 1987.137-231p. Vol.I 3ª parte.